

# As sombras da nação

Luiz Alberto Brandão Santos

<sup>1</sup>. Cf. TABUCCHI, Antonio. *No-  
turno indiano*. Trad. Wander  
Melo Miranda. Rio de Janeiro:  
Rocco, 1991, p. 7. Daqui por  
diante como *NI*.

Na nota introdutória de *Noturno indiano*, Antonio Tabucchi afirma que, em seu livro, procura-se uma sombra.<sup>1</sup> Essa procura se dá através da viagem do narrador que cruza, com seus inúmeros deslocamentos, uma paisagem desconhecida e misteriosa: a paisagem da Índia. A Índia surge como um espaço onde todas as referências – sociais, econômicas, políticas e, sobretudo, culturais e simbólicas – são imprecisas e fugidias. Buscar uma sombra, mover-se nesse espaço indefinido significa, assim, instaurar uma discussão sobre as possibilidades de delineamento de uma identidade.

No presente texto, também procuro uma sombra. Elejo também a Índia como um espaço de deslocamento, um espaço teórico para a investigação de uma concepção de nação. Seguindo a trilha de estudiosos como Benedict Anderson, Eric Hobsbawm e Homi Bhabha, que questionam o conceito de nação enquanto um conceito uno, homogêneo, totalizador, inserido numa visão histórica linear e contínua, me proponho a pensar a nação a partir de suas margens. Investigar não apenas a luminosidade grandiloquente que emana dos discursos que estabelecem a identidade nacional como uma essência atemporal e originária, mas também as sombras que emergem, nos interstícios da luz, quando se passa a conceber a nação exatamente como uma *construção* discursiva, como uma comunidade *imaginada*.

Entre a luz e a penumbra, inicio minha viagem, juntamente com o narrador de *Noturno indiano*, penetrando na paisagem dessa estranha Índia:

O ônibus atravessava uma planície deserta e uns poucos vilarejos adormecidos. Depois de um trecho de estrada nas colinas, cheio de curvas fechadas, que o motorista tinha enfrentado com uma desenvoltura que me parecera excessiva, agora percorríamos retas enormes, tranqüilas, na silenciosa noite indiana. Tive a impressão que era uma paisagem de palmeiras e arrozais, mas a escuridão era muito profunda para dizê-lo com segurança e a luz dos faróis atravessava rapidamente o campo apenas durante alguma sinuosidade da estrada. (NI, p. 55)

Assim como os faróis do ônibus que corta a paisagem indiana, o olhar do narrador, que conduz nosso olhar de leitor, percorre dois espaços distintos. Há um espaço iluminado, de visibilidade plena e nítida, onde a luz se difunde de modo uniforme e retilíneo. Nas grandes retas, o caminho trilhado e o caminho a trilhar apresentam-se enquanto unidade de visão. O passado, o presente e o futuro da viagem se encadeiam no mesmo desenho, na mesma linha que os interliga.

Esse espaço pode ser associado à concepção tradicional de que os movimentos da História se efetuam sempre enquanto *continuidade*, enquanto teleologia, enquanto relação imediata e direta de causa e efeito. Dentro dessa concepção, a idéia de nação aparece imersa naquilo que Benjamin denominou de *tempo homogêneo e vazio*,<sup>2</sup> um tempo horizontal no qual a um presente pleno corresponde uma visibilidade eterna e total do passado e uma perspectiva progressiva e progressista do futuro. Nesse tempo, o presente surge sempre como forma-mãe, em torno do qual se reúnem e se diferenciam o futuro e o passado. Passado e futuro seriam, assim, meras modificações de um presente essencial.<sup>3</sup>

É a idéia de um tempo homogêneo e vazio que permite que a nação seja concebida, por um discurso pedagógico, enquanto uma realidade imemorial (a nação ou, pelo menos, o sentimento do nacional, sempre existiu) e ilimitada (a nação, como fronteira concreta ou como força simbólica, sempre existirá, projeta-se para um futuro infinito).

Entretanto, há um outro espaço que margeia o percurso retilíneo da luz, há uma outra paisagem que se esquia à visibilidade pretensamente absoluta. Esse espaço de penumbra vem à tona quando a linearidade do deslocamento cede espaço à sinuosidade da estrada. Nesses momentos fugidios e rápidos, fragmentos de uma outra História se iluminam. Imagens que só emergem através de lampejos, de vislumbres, exatamente porque devem sua existência à descontinuidade da visão.

A esse universo de sombras que se recusa à totalização da plenitude da luz corresponde uma outra temporalidade. Deslocado o historicismo, expulso o continuum da História, (Benjamin, p. 230) a temporalidade surge como

2. BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: \_\_\_\_\_, *Magia e técnica, arte e política*; ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 229.

3. Cf. DERRIDA. Apud BHABHA, Homi K. *DissemiNation: Time, Narrative and the Margins of the Modern Nation*. In: \_\_\_\_\_, org. *Nation and Narration*. Londres, N. York: Routledge, 1990, p. 293.

uma forma disjuntiva de representação, sem uma lógica causal centrada. Passa-se a pensar a História com um conjunto de temporalidades diferenciais. Desse modo, rompe-se a pressuposição de que há um momento em que as histórias culturais se unem em um presente imediatamente legível. Nessa perspectiva, a cultura nacional se articula como uma dialética de várias temporalidades – moderna, colonial, pós-colonial, nativa, etc. (Bhabha, p. 303). No esgarçamento do tempo linear, coloca-se em xeque o caráter homogêneo da nação e o discurso da coesão social moderna.

Observando “a orla escura da vegetação à margem da estrada” (NI, p. 63) ou “o escuro da vegetação que crescia atrás do hotel” (NI, p. 97), o mundo de sombras deixa entrever as características de uma outra concepção de nação. Assim como os faróis do ônibus *criam* um caminho de visibilidade retilínea, a nação é uma comunidade política *imaginada* – imaginada não no sentido de falsa, mas de uma construção discursiva.

Assim como os faróis delimitam um campo de luz que se opõe a uma faixa de penumbra, a nação é imaginada como *limitada e soberana*, com fronteiras finitas e bem demarcadas. Porém, as curvas do caminho provocam desvios de luz, e as fronteiras se cruzam, se indeterminam, se interpenetram.

Assim como o trajeto tranquilo do ônibus, nas longas retas, sugere uma homogeneidade de percurso, a nação é imaginada como uma comunidade harmônica, como o exercício de um companheirismo profundo e horizontal.<sup>4</sup> No entanto, a inevitabilidade das curvas, que introduzem na luz a descontinuidade das sombras, revela relações conflituosas. Na incongruência dos caminhos tortuosos, o linear e o sinuoso se conjugam agonisticamente.

No capítulo final de *Noturno indiano*, presenciemos o seguinte diálogo:

- Pensei que uma pessoa como você achasse que na vida é preciso ver o mais possível.
- Não – ela disse convicta –, é preciso ver o menos possível (NI, p. 89).

Um olhar que vê menos. que se subtrai da luminosidade preestabelecida para penetrar no universo difuso. mas sempre presente, das sombras. Talvez seja esse o olhar necessário para se observar a nação a partir de suas margens. Observar de que modo é a partir da negação das sombras que a luz impera e, simultaneamente. observar de que modo as sombras continuamente se insinuam nas minúsculas frestas da luz.

Verificar, enfim, as diversas maneiras de luz e sombras mutuamente se traduzirem. Ou, ainda, segundo Bhabha, como se articulam o caráter *pedagógico* – no qual os povos são apresentados enquanto *objetos* históricos de uma pedagogia nacionalista – e o caráter *performático* da nação – no qual os povos se apresentam enquanto *sujeitos* de um processo de significação nacional. Verificar como se dá o embate entre a temporalidade contínua, acumulativa do pedagógico (o ver mais) e a estratégia recursiva, repetida, infiltradora do

<sup>4</sup>. Cf. ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989, p. 14-6.

performático (o ver menos)(Bhabha, p. 297). A cultura nacional passa a ser entendida, assim, como um espaço litigioso, performático da *perplexidade dos vivos* no meio das representações pedagógicas da *plenitude da vida* (Ibid., p. 307).

Em *O fio do horizonte*, de Tabucchi, uma massa de nuvens subitamente envolve o farol e as gruas do porto, dissolvendo-os em névoa.<sup>5</sup> A mesma e ligeira névoa que cobre, em certos momentos, o mar e a costa. Da cidade, entretanto, essa névoa não é notada. Só é possível percebê-la deslocando-se até a periferia (FH, p. 35).

<sup>5</sup>. TABUCCHI, Antonio. *O fio do horizonte*. Trad. Helena Domingos. Lisboa: Difel, s.d., p. 21. Daqui por diante como FH.

### Entre o enigma e o óbvio

“A Índia é misteriosa por definição”, afirma o narrador de *Noturno indiano*. Assim, a busca do delineamento de uma identidade, pessoal e nacional, nesse espaço desconhecido que é a Índia, configura-se enquanto tentativa de resolução de um enigma. Entretanto, à medida que as pistas vão sendo seguidas, os rastros sendo trilhados, torna-se cada vez mais aguda e presente a consciência de que tal enigma é um enigma sem solução.

Também em *O fio do horizonte*, a personagem central, procurando recompor uma história obscura, tentando reconstruir um passado que assegure existência para um morto de identificação impossível, somente pode seguir indicações precárias e levantar hipóteses não comprováveis. O caráter detetivesco desse empreendimento tende a patentear, exatamente, que nenhum ponto final pode ser atingido, que nenhuma verdade essencial pode ser revelada.

O que se torna nítido é que a “arte do enigma” (NI, p. 42) não é o forte desse narrador e dessa personagem. Que o mundo das sombras jamais pode ser completamente iluminado.

Da mesma forma, pode-se afirmar que o conceito de nação também é um conceito enigmático. Qualquer pista que, a princípio, parece levar a uma delimitação precisa do significado do termo *nação* acaba por se revelar, numa análise mais minuciosa, cercada de incertezas. Segundo Francesco Rossolillo, “o conteúdo semântico do termo, apesar de sua imensa força emocional, permanece ainda entre os mais confusos e incertos do dicionário político”.<sup>6</sup> Essas imprecisões derivam do fato de também serem imprecisas as idéias comumente arroladas como determinantes da concepção de nacionalidade.

É o caso da idéia de “laços naturais”, intimamente associada à idéia de “raça”. Como assinala Rossolillo, “não é preciso demorar muito para demonstrar que o termo “raça” não possibilita a identificação de grupos que possuem limites definidos e que, de qualquer forma, as classificações “raciais” tentadas pelos antropólogos – mediante critérios que variam para cada

<sup>6</sup>. ROSSOLILLO, Francesco. Nação. In: BOBBIO, Norberto et al. *Dicionário de política*. 2ª ed. Brasília: UNB, 1986, p. 795.

pesquisador ou estudioso – de maneira alguma coincidem com as Nações modernas” (Ibid., p. 796).

<sup>7</sup>. Cf. RENAN, Ernest. What is a Nation? In: BHABHA, Homi K., org. *Nation and Narration*. Londres, N. York: Routledge, 1990, p. 19.

Também é insuficiente a associação entre nação e língua, pois basta lembrar que “muitas Nações são plurilingües e muitas línguas são faladas em várias Nações, que além disso, o monolingüismo de determinadas Nações, como a França ou a Itália, não é algo original nem espontâneo, e sim, pelo menos em parte, um fato político, fruto da imposição a todos os membros de um Estado” (Ibid. p. 796). Esse caráter de imposição – que também se aplica à noção de uma homogeneidade de costumes – coloca em dúvida a concepção de uma nacionalidade espontânea, como a de Ernest Renan quando fala de uma “vontade de viver juntos”, de um “plebiscito diário”.<sup>7</sup>

Assim sendo, procurar desvendar o enigma que envolve o termo nação através da crença em um parâmetro fixo e absoluto significa enredar-se em outros enigmas insolúveis. Ao se lançar um fecho de luz sobre uma região obscura, novas sombras se insinuam. Isso porque, como propõe Bhabha, a nação deve ser pensada enquanto *narrativa*, enquanto uma forma de *representação* da vida social. A verdade que se esconde sob o conceito de nação revela-se, fundamentalmente, como uma verdade ideológica, em que a ideologia é entendida a partir de uma concepção *discursiva*. Apesar de não menos concreta e atuante, é uma verdade sempre mutável e escorregadia. Se a nação, enquanto poderosa idéia histórica, possui uma inegável força simbólica, é preciso lembrar que essa força se assenta em uma “unidade impossível” (Bhabha, p. 1).

É dentro dessa perspectiva de impossibilidade de decifração de uma verdade essencial ou de revelação plena de uma identidade nacional e pessoal que se pode ler a citação, em *Noturno indiano*, do trecho do poema “Natal”, de Fernando Pessoa. Possuindo, significativamente, alterações em relação ao texto original, significativamente *traduzido*, já que é recitado, em inglês, por um indiano, e apresentado na língua do narrador – o italiano –, o trecho citado diz: “A ciência cega lavra inúteis glebas, a fé louca vive o sonho do seu culto, um novo deus é só uma palavra, não creias nem procures: tudo é oculto” (*NI*, p. 54).

<sup>8</sup>. PESSOA, Fernando. *Obra poética*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p. 73.

No questionamento da pretensão de um conhecimento absoluto, seja através da racionalidade da Ciência seja através do fervor religioso da Fé, revela-se a imprecisão do próprio sentido de *Verdade*. Em outro trecho do mesmo poema, lê-se: “A Verdade nem veio nem se foi: o Erro mudou”.<sup>8</sup>

Entretanto, pelo fato de os discursos de nação se constituírem enquanto discursos pedagógicos, enquanto ideologia, o conceito de nação frequentemente se apresenta como um conceito natural, como um conceito óbvio. Afinal, pode-se dizer, todos nós *sabemos* o que é uma nação. Nessa afirmativa, o caráter enigmático da nação, ou seja, a impossibilidade de se ter acesso à essência do sentido de nacional se rende à *pressuposição* dessa essência.

Decretada a obviedade do nacional, estabelecida a crença de que tudo possui uma “evidência definitiva”, (FH, p. 20) torna-se desnecessário investigar o modo como se constrói a sua significação.

Em *Noturno indiano*, a conjugação entre luz e sombra, entre a sensação de enigma e a sensação de obviedade na percepção do espaço da Índia – e, conseqüentemente, do próprio espaço de uma identidade nacional e individual – se dá em diversos níveis.

Em alguns momentos, o que se ressalta é o sentido de *exotismo* da paisagem. Vivenciando um tipo de “turismo de luxo”, (NI, p. 87) em que a cabine do trem é “quase um aquário”, (NI, p. 36), o narrador pode lançar seu olhar apenas como um olhar distanciado, um olhar *de fora*. Através desse olhar, o que há de enigmático na paisagem reveste-se de uma luminosidade predeterminada. A Índia que se vê é a Índia que *se quer ver*: uma Índia opaca, uma Índia *já vista*. O exotismo funciona como uma operação teatral que garante a segurança de mistérios programados, que simula o enigma através de recursos óbvios, como o porteiro, no Taj Mahal. “travestido de príncipe indiano, de faixa e turbante vermelhos” e “outros empregados também fantasiados de marajá” (NI, p. 31).

Porém, para além das “pesadas cortinas de veludo verde” que “deslizavam doces e macias como um pano de boca de um teatro” (NI, p. 31), para além das luzes enganosas do exotismo, a presença incômoda e obscura dos corvos anuncia outras Índias. Com seus bicos sujos que carregam e espalham pedaços de cadáveres, os corvos “não respeitam o ‘direito de admissão’ vigente no Taj Mahal”. Desafiando a vigilância dos polidos empregados do hotel, revelam a Índia dos problemas higiênicos, dos ratos, dos insetos, das infiltrações dos esgotos: (NI, p. 30) a Índia das sombras.

Para um olhar mais atento, o que a presença insistente dos corvos sinaliza é que o Taj Nahal não é somente um hotel. É, na realidade, “uma cidade dentro da cidade” (NI, p. 31). O espaço da nação passa a ser visto, dessa forma, não mais apenas como a delimitação de fronteiras externas, mas como um espaço marcado, fundamentalmente, pela “liminaridade interna” (Bhabha, p. 300). O caráter uno da identidade cinde-se pela diferença que se instala *internamente*. As margens da nação não estão do lado de lá de suas fronteiras, mas no seu próprio cerne. As narrativas pedagógicas que se fundam enquanto limites totalizadores se vêem confrontadas a contranarrativas que explicitam e rasuram esses limites.

Assim, a ameaça da diferença deixa de ser apenas uma questão relativa a um *outro povo* (ou a uma outra identidade, a uma outra nação) e passa a ser uma questão relativa à própria “outridade” do povo-enquanto-um (ibidem, p. 301), da identidade enquanto heterogeneidade, da nação enquanto conjunto antagônico de significações. Na paisagem óbvia, plenamente iluminada,

emergem, subrepticiamente, paisagens residuais e enigmáticas. Sobre o cenário límpido do Taj Nahal, sobrevoa a sombra dos corvos.

### A coruja que voa no crepúsculo

Em *Noturno indiano*, a percepção de que a identidade se estabelece em um espaço situado *entre* o narrar e o ser narrado se dá, exatamente, na Índia – esse lugar em que os homens se confundem com o pó, com meros nomes que se perdem na quantidade infinita de papéis de um arquivo morto. Esse lugar que exige, como adverte o médico do hospital de Bombaim, que se abandone o “luxo excessivo” das “categorias européias”, (*NI*, p. 20) que se pare de conceber “o Ocidente cristão como o centro do mundo” (*NI*, p. 65).

O que é necessário para se repensar o conceito de nação é, portanto, uma mudança de categorias. Tal mudança se efetua quando se percebe que o controle da narrativa que constitui o sentido de nacional não é monológico, quando a nação passa a ser encarada enquanto conjunto heterogêneo de significações ambivalentes.

Instalando-se a identidade enquanto jogo de narrativas, a Índia – esse país feito de propósito para se perder (*NI*, p. 20) – deixa vir à tona, sobretudo, a ambivalência particular que *assombra* a idéia de nação: as certezas da narrativa-pedagogia daqueles que escrevem e postulam a seu respeito e a perplexidade das narrativas-performances daqueles que efetivamente a vivem (Bhabha, p. 1).

Investigar a nação a partir de sua margem implica a quebra do binarismo que opõe dentro e fora, identidade e alteridade, nacional e estrangeiro. Ao se pensar que “o ‘outro’ nunca está fora ou além de nós”, mas que “emerge forçosamente dentro do discurso cultural” (*ibid.* p. 4), inaugura-se uma perspectiva *internacional*. Ao se considerar a nação enquanto espaço de circulação de narrativas, uma perspectiva *transnacional* é criada.

Em certa passagem do livro, o narrador de *Noturno indiano* se lembra de suas antigas aulas de astronomia. Nelas, aprendeu que “quando a massa de uma estrela agonizante é superior ao dobro da massa solar, não existe mais estado de matéria capaz de deter a concentração, e esta procede ao infinito; nenhuma radiação sai mais da estrela, que se transforma assim em um buraco negro” (*NI*, p. 79).

Se no estado de adensamento absoluto as estrelas nada irradiam, desembocando em buracos negros para onde converge toda a luz, talvez seja mais interessante pensar a nação não mais como concentração de significações que se agregam ou que se anulam, mas como negociação dinâmica de sentidos. Como dispersão de sombras, divergência de significações. Como disse-  
miNação.

Hobsbawm sugere que não é impossível se pensar no declínio do nacionalismo e do Estado-nação. A partir desse declínio. “o ‘ser’ inglês, ou irlandês, ou judeu, ou uma combinação desses todos” passa a ser sentido como “somente um dos modos pelos quais as pessoas descrevem suas identidades, entre muitas outras que elas usam para tal objetivo, como demandas ocasionais”.<sup>9</sup> O próprio fato de os historiadores estarem fazendo progressos nesse campo de estudos indica que o fenômeno já passou de seu apogeu. Nesse sentido, Hobsbawm lembra que “A coruja de Minerva que traz sabedoria, disse Hegel, voa no crepúsculo. É um bom sinal que agora está circundando ao redor das nações e do nacionalismo” (ibid. p. 215).

Como um “amante de percursos incongruentes” (NI, p. 7), é esse vôo e esse sinal que o leitor de hoje pode rastrear no universo da literatura contemporânea.

<sup>9</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780; programa, mito e realidade*. Trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 215.